

**MASSACRE DA PEDRA BONITA:
INTERTEXTUALIDADE, SEBASTIANISMO E
IDEOLOGIA**

Claudia Damasceno Guimarães

Joice Lima Santana

Rosângela dos Santos Fonseca

Orientador: Prof. M^c. Luís Estrela de Mattos

RESUMO

O artigo científico propõe-se a apresentar o fruto de pesquisas bibliográficas e de sites informativos referentes ao Massacre da Pedra Bonita, fato verídico que aconteceu no interior de Pernambuco e foi romaneado por diversos autores e épocas diferentes, tal foi o choque social causado pela catástrofe. Para o embasamento teórico foram utilizados conceitos referentes à intertextualidade e a literatura comparada, definições que deram suporte a comparação dos fatos romaneados, quais características analisadas, o que há de comum entre as ficções comparadas. É importante ressaltar que o artigo tratará a tônica aspectos da cultura popular que mistura várias etnias evidenciando, assim a miscigenação de um país tão rico como o Brasil. Todo o desenvolvimento será baseado em uma das mais antigas lendas lusitanas, sebastianismo, que povoou e ainda povoa o imaginário brasileiro que a adaptou ao seu ambiente de antiga colônia de Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Massacre, Pedra Bonita, Sebastianismo e Intertextualidade.

ABSTRACT

The paper intends to present the result of literature searches and information sites for the massacre of the Pedra Bonita, true fact that happened in the interior of

Pernambuco and was romanticized by many authors in different times, such as the social impact caused by the disaster. For the theoretical background were used concepts concerning intertextuality and comparative literature, definitions that supported the comparison of facts romanticized, which features analyzed, which is common among the fictions compared. Importantly, the article brings to light aspects of popular culture that blends various ethnic groups thus indicating the mixing of a rich country like Brazil. All development will be based on one of the oldest legends Lusitania, the return of D. Sebastian, who populated and still populates the Brazilian migration that has adapted to its environment for merced of Portugal.

KEY WORDS: Massacre, Pedra Bonita, Sebastian and Intertextuality.

INTRODUÇÃO

Todo texto, seja ele literário ou não, é oriundo de outro, seja direta ou indiretamente. Qualquer texto que se refere a assuntos abordados em outros textos é exemplo de intertextualização. É o que acontece com os livros de Araripe Junior (*O Rei no Encantado*), José Lins do Rego (*Pedra Bonita*) e Euclides da Cunha (*Os Sertões* – parte II – O Homem – trecho III), tratam de um tema muito peculiar denominado Massacre da Pedra Bonita, fato ocorrido em um lugar de nome no nome, que segundo a bibliotecária da fundação Joaquim Nabuco, Lúcia Caspar, está localizado na Serra Formosa, no município de São José do Belmonte, sertão de Pernambuco. Para entendermos melhor o que levou esse massacre a acontecer, é preciso que antes saibamos o que é o movimento denominado Sebastianismo, que surgiu em Portugal, e aqui no Brasil tornou-se um similar das profecias messiânicas. Com isso, o objetivo deste artigo é demonstrar as similaridades entre as formas em que o massacre é abordado, expondo a importância dos textos literários para o convívio e sociedade. A literatura vem nos proporcionar a percepção do quanto o mundo fictício é similar aos fatos ocorridos no meio em que o homem vive. A intertextualidade e a literatura comparada dão o suporte necessário para que se compreenda o cruzamento de ideias em textos literários e a sua aproximação com o real.

1. ORIGEM DO SEBASTIANISMO

Surto em Portugal no século XVI, o sebastianismo foi classificado como um mito ou lenda cuja relação com o rei Dom Sebastião é necessária a sua existência. Em um plano cujo centro era a invasão da África, o rei D. Sebastião convocou uma frota de soldados para juntos resolverem situações conflitantes envolvendo religião, economia e política.

Dom Sebastião possuía uma autoridade respeitada e um número considerável de seguidores portugueses, o que fez muitas pessoas acreditarem no sucesso de seu plano em invadir a África. Mas o resultado dessa invasão não foi o esperado pelos representantes lusitanos, onde cerca de 9.000 homens foram mortos, deixando o intento do rei sem nenhum resultado.

A inesperada morte de Dom Sebastião causou vários questionamentos para os portugueses, pois eles não acreditavam que o rei estivesse morto. Os lusitanos tinham empenhamento que o rei estaria escondido para livrá-los da forçada união Ibérica com a Espanha.

Dentre as suspeitas sobre a morte do rei ficou para os habitantes de Portugal a esperança na sua volta para poder livrá-los da dependência com a Espanha, pois esses portugueses precisavam do apoio de Dom Sebastião para poder tornarem-se novamente independentes.

Desde então, o rei Dom Sebastião foi tido como o rei enviado por Deus para salvá-los, pois a população portuguesa acreditava que ele ia voltar para livrá-los do sofrimento.

2. SEBASTIANISMO NO BRASIL

O mito sebastianista trouxe ao Brasil muitas credências e devoções, mas foi especialmente na região nordeste, na área do sertão, onde ocorreram os movimentos conhecidos como sebastianistas. Esse nome tem relação absoluta com o ocorrido em Portugal no século XVI, no entanto só chegou ao Brasil na metade do século XVI.

Esses atos ocorridos na região nordeste se passaram em locais onde a população tinha uma situação econômica baixa, e em regiões típicas do sertão que complicavam de mais a vida e a sobrevivência devido às secas. As pessoas não tinham contato com a educação, pois necessitavam do trabalho para sobreviver.

No Brasil, o mito sebastianista se instaurou como uma forma de se aproveitar dessas pessoas sem nenhum conhecimento, para com isso obter-se bens lucrativos. O messianismo foi um movimento religioso que se apoiou no sebastianismo (rei Dom Sebastião) para transformar supostos "messias" em salvadores do mundo.

Esses homens, os quais se diziam ser os messias, usavam argumentos religiosos onde seriam os enviados por Deus para salvar o mundo. Com isso, as pessoas estavam dispostas a seguir as ordens dos messias, mesmo que fosse sacrificantes.

Esses homens (messias) possuíam uma oralidade atraente, o que levava as pessoas ao convencimento do que estava sendo dito e pedido por eles. Assim não só pedidos de sacrifícios eram solicitados, como também eles tiravam das pessoas todas as suas riquezas possíveis, como ouro, prata e até o pouco dinheiro que possuíam.

Mediante esses relatos e esclarecimentos sobre o mito causador de um entre tantos massacres, a partir de agora conheceremos os fatos reais que motivaram os ficcionistas a escrever suas obras de cunho tão importante para a propagação de uma cultura que submete as classes mais baixas a situações conflitantes e devastadoras.

3. A TRAGÉDIA DA PEDRA BONITA

A tragédia da Pedra Bonita foi considerada o segundo movimento sebastianista de grande repercussão no nordeste brasileiro, sendo o primeiro conhecido como a tragédia do Rodeador. Um grupo de fanáticos sebastianistas, liderado por João Antônio dos Santos, fundou uma comunidade com regras e preceitos próprios, diferente das do resto do país, pois além do nordeste brasileiro foram identificados focos sebastianistas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, que tinham como características próprias serem muito educados e pacíficos, o que não ocorreu em Pedra Bonita. O líder usava até uma coroa de cipós, fazendo uma analogia a Jesus Cristo que se intitulava o filho do Deus Altíssimo, João Antônio se autodenominava o enviado do encantado D Sebastião que voltaria para transformar todo o sofrimento e malegría, toda a pobreza e riqueza. Os mesmos esclarecidos da região o aceitaram de bom grado, fazendo tudo que o enviado de D Sebastião pedira, trazendo-lhe tudo o que possuía e o que podia saquear na região. O movimento não foi visto com bons olhos pelas autoridades do local, que viam uma ameaça constante nesse novo jeito de viver. O padre José Francisco Correia de Albuquerque foi convocado a tentar convencer as pessoas a voltar para suas casas e para sua rotineira vida. O Padre conseguiu fazer com que João Antônio parasse com as pregações, pois o mesmo percebeu a que ponto as pessoas estavam levando a sua doutrina a sério, algo que o perturbou bastante, porque o objetivo dele era viver uma vida confortável, com riquezas e desfrutando de prestígios, mas nunca sacrificando pessoas. Em seu lugar tomou conta do reino seu cunhado, homem propício aos fanatismos, apresentando um quadro relevante de perturbações mentais. Ele começou a pregar que D Sebastião só desencantaria se a pedra fosse lavada com sangue humano e de animais, comandando assim um grande massacre de pessoas inocentes e em maio de 1838. Morreram 87 pessoas entre os dias 14 e 18, quando foi interrompido pela ação do major Manoel Pereira da Silva, que desativou o arraial e prendeu os participantes que restaram da seita.

Os livros que serão abordados neste artigo vão apresentar este massacre com roupagens diferentes, ou seja, os locais, personagens e enredos criados vão colocar o leitor em contato com problemáticas sociais parecidas, mas percebida de ângulos diferentes. Através desses ângulos da ficção é possível notar o quanto é verossímil os enredos criados, o quanto dialogam com o mundo já existente, as realidades tão

presentes na vida social. É uma forma de esclarecer aos desacreditados que a literatura tem muito o que ensinar, tem muitas reflexões a expor, mostrando a importância de sua existência para repensarmos o mundo que vivemos e ajudarmos a construir ou a destruir. Realidades como o massacre da Pedra Bonita acontecem com certa frequência utilizando meios mais sofisticadas. Vejamos o que os escritores nos mostram através dos diálogos tão lapidados que construíram

4. O REI NO ENCANTADO (ARARIPE JÚNIOR)

Crônica Sebastianista publicada em 1878 por T. A. Araripe Júnior, é a obra que mais se aproxima dos fatos reais que aconteceram quarenta anos antes. Foi publicada pela Biblioteca da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Dividida em duas partes, apresenta os cenários e personagens onde supostamente se desenrolou a trama.

Foi em Alcacer el Kebir que teve lugar o fatal acontecimento. Junto ao rio Louccos, de improvidencia e imprevidencia, de derrota e mderrota, o insano rei, a quem Camões augurara o mais triste dos fins, teve de ceder ao mau fado que o acompanhava, e, apesar de sua coragem descommunal, deixando-se envolver pelas hostes de Mbley Mbluk, o mouro, pereceu como flôr da sua nobreza, de um modo obscuro e revoltante, sem sequer poder corôar o desastre com um d'esses rasgos memoraveis que são os grandes effeitos da tragedia chamada – historia (...). D'ahi precisamente nasceram os falsos D Sebastião; e não faltou depois d'isto quem se arrojasse a explorar tão sagrados movimentos d'alma, apresentando-se como o rei peregrino a reaver a corôa (...). O que é certo é que o sebastianismo tornou-se uma religião e, como toda a idéa que impressiona as massas tende a desenvolver-se, no seculo seguinte essa crença reuniu adeptos fervorosos e manbos os hemisférios. (ARARIPE, p. 54 e 56)

O mito sebastianista afirmava que o rei voltaria para se acomodar na Pedra Bonita, que recebeu aqui no Brasil o nome de Pedra do Reino, pois se tratava de um rei mágico ou encantado o qual ajudaria os escravos e os livraria do sofrimento que passavam além de oferecer benefícios e moradias as pessoas. Mas para que o rei fosse trazido para o Reino Encantado era preciso lavar as pedras com o sangue dos devotos, pois segundo os messias essa atitude traria o rei de volta para suas terras.

Liderado por João Antônio, a crença no mito religioso (sebastianismo) era o ponto a ser explorado para com isso iludir as pessoas. O pregador dizia que o rei Dom Sebastião iria voltar para Pernambuco, estado onde eles residiam pois o sertão seria o Reino Encantado do rei Dom Sebastião, com isso a lenda portuguesa renasceria na qual o rei voltaria para rever o Império português e ajudar a população a combater todos os inimigos e desgraças possíveis.

João Antônio, como bem ponderara o padre Corrêa, não passava de um astucioso e inteligentíssimo que nunca tivera outro objetivo senão iludir o povo e ainda mais nos seus mais íntimos, e proveito próprio e por obediência a seus pronunciados instintos de ratoneiro. Com muita habilidade engendrou ele uma lenda que se prendia às crenças sebastianistas que mais ou menos vagas existiam na imaginação da gente do sertão. Essa história, saída da combinação de vários elementos que os colonos haviam derramado pelos sertões, como contos de origem mourisca, e costumes tradicionais mal compreendidos pelas leituras de lendas relativas às cortes da antiga monarquia, não passava afinal de uma mania de retalhos, e em que o indígena a cada passo formava uma exquísita superfectação a mal gando-se como estrangeira. (ARARIPE, p. 86)

Não é difícil compreender por que a lenda se tornou uma seita, pois a mistura de muitas crenças pode causar confusão na mente, principalmente daqueles que ali mentam seu cotidiano de superstições, que é a base das vidas mais simplórias que podem existir no seio da sociedade. Araripe, de forma muito tentadora, daquelas atrações existentes na oralidade de um bom contador de histórias, encanta o seu leitor por mostrar tão abertamente a natureza humana, que em muitos pontos de sua obra, compara a instintos de animais selvagens. Para o leitor que desconhece a tão ampla cultura popular, se horrorizaria ao ver relatados tantos eventos desconhecidos, conhecidos apenas por aqueles que ainda cultivam uma cultura atemporal roubada de seu habitat natural, trazida para uma nação desconhecida e aperfeiçoada por mentes distorcidas e tendentes as

ilusões inexistentes.

Não bastava, dizia elle entre dentes, a influencia do Encoberto: as suas divindades africanas, os seus feitiços, que os parceiros comprehendiam melhor do que o resto da theogea de João Ferreira, talvez andassem queixosos por não se lhes prestar o culto a que estavam acostumados. (...) Não se calcula o aqodamento com que os negros, que sempre haviam olhado para as enormes pedras com desconfiança, sentindo-se voltar á simplicidade do culto selvagem, correram para as suas choças e o prazer com que de lá trouxeram tudo quanto lhes tinha de satisfazer a fome na proxima refeição. (...) Esta cerimonia não era invenção do negro velho. Os africanos em geral acreditam que os enfeitados, purificando-se dentro de um certo numero de dias a contar do lançamento da sorte, ficam salvos. (ARARIPE p 97)

Em todo o enredo, os escravos foram levados a cometer atos absurdos que contrariam a racionalidade. Quem sabe o desejo dos enunciados messias não seria propagar a sua fé, e cultivar os seus deuses de forma oculta, como aconteceu na época da escravidão total, onde os escravos cultivavam os seus deuses de origem colocando nelas uma roupagem diferente, fazendo crer a seus senhores de que partilhavam de uma mesma religião, o catolicismo.

É necessário, para dar continuidade aos relatos aqui referidos, destacar o perfil dos seguidores do Encantado reino de D Sebastião. Durante o desenvolvimento da história de *O reino Encantado*, Araripe resalta várias vezes as características dos seguidores, chamando a atenção para tão importante ponto, pois sem ele a lenda adaptada para o ambiente nordestino não teria tomado tantas dimensões.

Uma das primeiras cousas de que tratou foi de obter dos escravos que o buscavam o sacrificio de objectos preciosos, e fel-os convencerem-se de que a abnegação era a mais agradável das virtudes na presença do Senhor. (...) Era tristissimo o espectáculo que apresentava essa gente semi-núa, imunda, esqualida, depauperada por excitações moraes de toda ordem, vigílias e jejuns impostos pela crença que seguiam. Pela maior parte eram escravos fugidos, entre os quaes mostravam-se alguns mestiços arrancados á pequena lavoura e um outro individuo de raça branca cujo contacto com os africanos tornara tão boças como elles. (...) As mulheres, estas ainda mais do que os homens pareciam degradadas pelos effectos da superstição. Sem o mínimo vestigio de pudor,

arrastando-se pelo chão em acessos de um hystérismo repugnante, pairando-lhes nos olhos encovados uns visos de apatetamento, conduziãmos os filhos sem carinho, e, fóra de si, não se satisfaziãmos em reverenciar o Rei Santidade, queriãmos adoral-o, queriãmos beijar-lhes as plantas e receber por qualquer modo um toque que as santificasse. (ARARIPE, p. 72, 88)

O relato acima nos mostra que na atualidade as coisas não ocorrem muito diferentes, só estão a paradas por imagens socialmente mais agradáveis, mas a devoção extrema continua tendo as mesmas qualidades de antes. A literatura é importante neste ponto, nos mostra um panorama ficcional que acompanha o histórico, levando-nos a refletir pontos muitas vezes não agradáveis, mas que necessariamente, se visto como mesma preocupação por todos, poderiam ajudar na reconstrução de conceitos que sempre são postos de lado, julgados não tão importantes. Mas os não crentes e um Deus que não pode ser visto nem tocado, o homem sempre precisa de um alibi para continuar, para seguir em frente. O que causa preocupação é a intensidade que este suporte apresentará na mente de um indivíduo, podendo ser benéfico ou maléfico.

O fato da Pedra Bonita ultrapassou essa margem da razão, levou muitos crentes a perderem a vida a troco de nada. Os que ficaram tiveram a sua racionalidade destruída, se antes o que acreditavam não é mais real, em que acreditar? Como prosseguir? Enquanto fatos romaneados são apenas lendas, servem para alertar ou amedrontar pessoas do seu próprio instinto, mas quando elas são fatos verídicos, ultrapassamos os limites da compreensão.

– Mas disse-me, padre Corrêa, isto tudo é um sonho? Estou certo que se me contasse não acreditaria! Era preciso que visse todo este horror para que avaliasse até onde pôde chegar a depravação do homem. E afinal o que vemos nós fazer aqui senão aumentar o número das vítimas?! Tanta gente morta, meu Deus! Ah! Meu bom amigo, grande deve ser a colera do Altíssimo para que ao desgosto de perder mulher e filha me forçasse a juntar a lembrança por toda a vida d'este quadro negro. (ARARIPE, p. 151)

Enquanto houver desigualdade social fatos como esse insistirão e macontecer.

Perdidas, portanto, as últimas esperanças do desencantamento só o que lhes restava era derramarem a última gota de sangue por sua liberdade. Este movimento instintivo acendeu toda a ferocidade bravia que o peso da superstição lhes tirara. O ódio

contra o que elles chamavam o verdugo reviveu de uma maneira terrivel, e açulou o vigor a morte do de suas almas selvagens para impellil-os sobre a turba que se lhes mostrava com todas as côres negras da vida das senzalas. (ARARIPE, p. 149)

5. PEDRA BONITA (JOSÉ LINS DO REGO)

Na literatura, também podemos verificar a intertextualidade no transcorrer do tempo. Além da estética dividida por outro grupo de participantes de uma escola literária, há os temas comuns, frutos de idéias e pontos de vista de uma época. Assim tanto é possível encontrar temas universais, comuns na literatura, com tratamentos diferentes e determinado pela opinião da época, como temas muito particulares e em certos momentos da história da literatura determinados por esta mesma opinião. Estudar essas linhas comuns presentes nas diversas escolas literárias é reconhecer uma intertextualidade latente e expressa na superfície do texto.

É o que acontece com a obra de Rego, a todo o tempo ela dialoga com a obra de Araripe. Para a construção de *Pedra Bonita*, José Lins foi beber da fonte de *O Rei no Encantado*, e a partir dela criou um novo mundo, um novo cenário, para retratar o que antes já tinha sido dito sobre a tragédia.

Na obra *Pedra Bonita* de José Lins do Rego, a relação com o messianismo está presente e associada com a obra de Araripe Júnior (*O Rei no Encantado*) e uma pequena parte da obra de Euclides da Cunha (*Os Sertões*), pois ambas abordam esse ritual religioso de forma impositiva e violenta por parte dos messias. Logo, o fanatismo religioso é mostrado na obra de maneira semelhante com as já mencionadas.

A imposição apresentada na obra é feita por um grupo de fanáticos que através de argumentos envolvendo a volta do rei Dom Sebastião, e a consequente salvação de quem obedecer às vontades do enviado, mesmo que isso significasse sacrifícios e massacres. Tendo uma vida difícil com muito sofrimento, trabalho árduo e a predominância do clima seco (já que a agricultura era a principal fonte de renda, pois a cidade era rural), o que atrapalhava ainda mais a vida das pessoas, não seria muito

difícil para os falsos salvadores (messias) enganá-los, já que os messias prometiam várias vantagens a esse povo. Por isso, mesmo com os absurdos que eram solicitados, as pessoas não questionavam e atendiam aos pedidos, pois a esperança de uma vida digna e sem sofrimentos era o que mais desejavam. Logo, fica clara a imagem sofrida dos habitantes da região nordeste brasileira.

A pequena perspectiva de vida que a população do Açu possuía era um fator que aumentava a probabilidade de exploração dos messias, que viam na falta de compromisso dos representantes políticos da cidade a oportunidade de disseminar os seus mais íntimos intentos através do seu discurso atraente e ilusório, culminando em atos brutais.

A falta de atenção prestada à cidade era de conhecimento de toda a população. O índice elevado de pobreza era a característica marcante da cidade do Açu, onde somente os responsáveis pela administração política da cidade e seus familiares possuíam prestígio e conforto. Ser prefeito de cidades situadas em regiões tão esquecidas era sinônimo de investimento financeiro, já que a verba pública não aparecia para o desenvolvimento do local.

E Joca Barbeiro passou a fazer oposição ao prefeito – O senhor devia, dizia ele ao juiz, apresentar candidaturas nas eleições do ano vindouro. Isto de ser juiz não quer dizer nada, não. Havia muitos juizes pelo Estado chefiando política. Não era possível que o Açu vivesse toda a vida naquela miséria. O Coronel Cláudio não fazia nada, só cuidando dos seus negócios. Joca ia mais longe: e aquele vapor de algodão? Os cobres da Prefeitura não davam para nada. O Major Evangelista dizia, para quem quisesse ouvir, que o cofre da Prefeitura era na burra do Coronel. Filhas no colégio, luxo de mulher, o comércio nunca deu a ninguém no Açu. (REGQ, p. 60).

O Nordeste brasileiro é explanado na obra como a região de clima seco, porque é notada a atenção em que o autor aborda a vegetação típica para esse clima, logo é percebida a caatinga e todo o cenário da cidade. A região do Açu era típica do sertão e difícilmente chovia, quando isso acontecia (algo que para os moradores estava próximo de um milagre) as pessoas comemoravam com bastante entusiasmo.

A chuva começou a pingar compassada, pingo grosso sobre pingo. E depois desencadeada como se as portas

do céu se tivesse aberto num rompante. O povo que estava pelos batentes ouvindo a conversa ficou como doido, debaixo d' água, ensopando-se de chuva. Os meninos se espojavam na lama como porcos. Uma inensa alegria baixava sobre a terra. (REGO, p. 22)

Toda leitura que fazemos é fundamentalmente intertextual, pois quando lemos fazemos associações a outras leituras. Um mesmo texto lido em períodos distintos torna-se outro, pois nesse espaço de tempo o repertório de leitura já se desfigurou. Em nossa sociedade, a intertextualidade tornou-se um suporte muito forte para o entendimento da literatura, mas as coisas nem sempre foram assim. O modelo romântico da crítica literária dava muita ênfase ao novo, deixando para segundo plano a relação entre textos, impedindo a intertextualidade como processo constitutivo da literatura em qualquer época. (TERRA & NICOLA, 2001, p. 35).

A intertextualidade exige um leitor atualizado e capaz de compreender passado, presente e futuro, estando sempre atento às manifestações de cultura. É importante ter claro o juízo de que um texto cita outro para enfatizar, contradizer, polemizar o que foi dito ou até mesmo ridicularizado. No caso do livro *Pedra Bonita*, a intertextualidade reforça a ideia já mencionada por Araripe, de que uma sociedade limitada a condições subumanas é propícia a desenvolver distúrbios de realidades, acreditando em tudo o que é lançado por quem tem o entendimento das necessidades básicas e anseios de uma população, prometendo sempre algo que não é possível de se cumprir, pois o domínio está além das possibilidades humanas, adentrando assim ao plano espiritual.

Em *Pedra Bonita*, a personagem principal é Bento, eis aí a influência do protagonista na história.

As condições climáticas que a cidade do Araticum apresentava, impedia os moradores de propiciar uma vida confortável e benéfica para os seus filhos. A seca de 1904 foi um fator para agravar ainda mais essa situação.

Um exemplo abordado na obra é o de Josefi, moradora da cidade do Araticum mãe de três filhos, Aparício, Domício e Bento. Assim que Josefi teve seu filho caçula (Bento), as condições da seca impossibilitaram-na de criar o menino. Sem alternativa, Josefi entregou o garoto recém-nascido para o padre Amâncio, que morava no Açú, pois assim Bento seguiria os costumes religiosos.

Bento cresceu no âmbito da igreja, seguindo os costumes do Padre, que o guiava em suas tarefas sacerdotais.

Sentindo saudades de sua família, Bento pediu permissão ao Padre Amâncio para conhecer os seus familiares, pois o mesmo só conhecia a mãe que de tempo em tempo ia visitá-lo. Chegando a Araticum ele pôde rever sua mãe e conhecer seu pai e irmãos.

Josefina tinha um orgulho grande de Bento devido a sua carreira religiosa, e o tratava com bastante afeto. Para ela, ser padre era algo que iria mudar o jeito grosso do seu marido, como também traria para sua vida mais felicidade e boa convivência com as pessoas, já que sua família era vista com as lembranças tristes do cangaço.

Então Antônio Bento nas suas cismas calculava a vida como se ele tivesse ido para o seminário. Seria o maior da família. O próprio pai teria que se abrandar para falar com ele. Era uma coisa que ele queria ver: pai de padre. O filho mandava nas coisas de Deus, era pessoa de Deus na terra, representante de Cristo. E o pai maior do que ele. E o filho obedecendo ao pai. Então, com ele padre, mudaria de fala. A mãe moraria com ele. Levaria a pobre para a sua freguesia, e o povo vinha lhe trazer presentes de ovos e de galinhas. Seria a D Josefina, a mãe do vigário. E a casa se enchia de beatas para agradar a mãe do vigário. Quando ela passasse pelas calçadas, de fichu na cabeça, todos olhavam para ela com respeito-- “Lá vai a mãe do Padre!” (REGO, p. 108)

Aparício, o irmão mais velho de Bento, fazia parte de um grupo de cangaceiros que assombrava os moradores do Açu e de outras cidades vizinhas, como objetivo de denunciar as imprudências que os governantes dos municípios cometiam em relação aos serviços públicos.

Preocupada em não envolver Bento com esses cangaceiros, sua mãe a todo o momento tentava impedi-lo de se relacionar com esse grupo de fanáticos guerreiros, pois ela queria preservar os costumes religiosos do filho.

O sobrenome Meira, pertencente à família de Bento, tinha ligações com o cangaço, porque antes de Aparício se envolver com o grupo de cangaceiros, os Meira possuíam um vínculo com esse grupo de revolucionários que apavoravam as comunidades pertencentes às regiões do Araticum.

É notável a importância que não só Josefina tinha para com os hábitos religiosos, como também os moradores do Araticum pois ser padre para aquelas pessoas estava próximo do caminho para conseguir a benção e salvação de Deus. Logo, os fiéis que estavam praticando o hábito de ir à igreja, também estavam mais próximos de serem perdoados e abençoados.

Mesmo com toda a influência e apoio que Antônio Bento obteve de sua mãe, e do Padre Amâncio, ele não conseguiu prosseguir na carreira sacerdotal e desistiu do caminho que era tão importante para sua mãe.

Um suposto profeta, que se dizia enviado por Deus para ajudar as pessoas de Pedra Bonita, estava realizando atos que de acordo com os moradores da região, seriam verdadeiros milagres. Ele prometia curar cegueiras, deficiências e livrá-las das maldades e misérias existentes. O fanático, segundo Josefina, não tinha sequer nenhum interesse em se aproveitar dos fiéis, pois segundo ela, tudo o que ele conseguia com seus discursos era voltado para os seus seguidores a fim de abençoá-los, já que ele foi mandado por Deus.

Ele é santo mesmo, menino. Não se passa um dia que não venha chegando gente. Ele tem a força de Deus. E quis saber da viagem do Padre Amâncio – Ele não vem a malçoar o santo não, não é, Bentinho? Bento lhe falou com jeito. O padre tinha vindo conversar com o santo sobre uns negócios que dizia lá no Açu. – É mentira, Bentinho. Tudo é mentira. Ele só faz o bem da gente. Ele só faz o que é da vontade de Deus. Pergunta a esse povo por aí. Tudo que dão a ele, ele dá ao povo. Ele não come, não dorme, Bentinho. (REGQ ps. 199 e 200).

O irmão de Bento se envolveu como fanático, e também estava fazendo parte do grupo que achava estar seguindo o messias. Domicio era o irmão que Bento mais admirava, mas quando ele se deu conta de que o mesmo havia se transformado em um pregador religioso, e que essa atitude estava gerando uma série de conflitos entre as autoridades e o conjunto de fanáticos, Bento começou a perder o gosto pela vida.

Seu pai de criação, o Padre Amâncio, ainda tentou convencer o profeta a parar com as suas declarações, mas ele não quis ouvir o padre, pois se dizia o enviado por Deus para salvar todos que ali o cercavam

Antônio Bento ficou desiluído, porque logo após esse encontro de Amâncio como fanático, seu padrinho, como o chamava, começou a mostrar fragilidades e sua saúde, o que influenciou o aumento da tristeza de Bento. Com tanta desgraça acontecendo em sua vida, o irmão mais velho, pertencente ao grupo de cangaceiros, sua família envolvida com um movimento fanático religioso, onde muitos absurdos eram denunciados pelos pregadores e o seu padrinho à beira da morte, Bento não tinha vontade de viver e desejava o próprio fim. Logo Bento ficou sem conseguir tomar um rumo na vida, ele não enxergava nada além do Açú e da Pedra Bonita.

Os santos e nbebedara o povo com as promessas, com a felicidade de todos, com a igualdade do mundo. Podia ser como da outra vez. E o sangue dos sertanejos derramado na caatinga. E tudo ficaria na mesma desgraça. Não podia acreditar. Ai Bento sofria mais. E no seu quarto pensava então no fim de tudo. Teria que morrer. Teria que se acabar. Do início era do santo, só do santo. Ele nem tinha mais a mãe, que o punha acima de tudo. O Padre Amâncio se acabava. Maximina ia com D. Eufrásia, e o mundo vazio para ele. Não dispunha de força para pensar no mundo, que não fosse a Pedra Bonita e o Açú. O mundo era aquilo, cercado de ódio, de vingança, de sangue, de cangaço, de sofrimento (REGO ps. 212 e 213).

Depois de tanto tempo do ocorrido com os Veira, o mesmo cenário devastador tomou frente da cidade da Pedra Bonita, com isso a população do Açú revivia as histórias que eram contadas, mesmo que por poucas pessoas, e consequentemente comprovariam que a família dos Bento, os Veira, contribuiu para os massacres ocorridos com os fiéis.

6. OS SERTÕES (EUCLIDES DA CUNHA)

A obra de Euclides da Cunha vem dar continuidade ao trabalho, explicando de maneira minuciosa a possível causa do Massacre, analisando os aspectos físicos e psicológicos do homem sertanejo e, consequentemente, o meio em que vive. É importante ressaltar que a obra não tem o objetivo de falar especificamente sobre o massacre de Pedra Bonita, ela simplesmente cita-o para exemplificar a consequência

da vida que o homem do sertão leva.

Em suas análises, Euclides detalha na parte intitulada *O Homem* a sofrida vida do povo nordestino, que além de estar submetido a um clima devastador, se vê vítima de abusos de pessoas bem esclarecidas e mal intencionadas, que conhecendo o caráter honesto do homem do campo, o mantém sobre um regime de trabalho permanente, onde sua paga é simplesmente um quarto de tudo aquilo que ele cuida com tanto carinho e zelo.

Assim também se pode analisar o governo daqueles que se dispõem a cuidar e zelar em seus mandatos pelo povo do sertão nordestino. Abusam em todos os momentos da cordialidade destas pessoas, e sempre bem “intencionados” (se assim podemos dizer), cuidam para que sempre viva a mesma forma, nada mudando e deixando-os sempre sujeitos as vontades dos céus.

Mas, antes de tudo, o sertanejo é um forte, luta com todas as forças por sua sobrevivência, tenta até decifrar a natureza como forma de defesa contra esta. O que chama mais a atenção para este povo é sua religião. Assim como sua etnia, sua religiosidade é mestiça. A mistura de várias crenças em uma só. Tais misturas não poderiam dar em outra coisa a não ser em atos muitas vezes incompreensíveis. A mistura do antropismo do selvagem nativo da terra, o animismo do africano, e as crenças da raça superior não poderiam gerar algo tão singular como a fé sertaneja.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, evadido de misticismo extravagante, e que se rebate o feitiçismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios e mocionais distintos. (CUNHA, p. 154)

Por isso é importante compreendermos o passado para entendermos o presente e aceitarmos o futuro. A capacidade para lidar com essa personalidade surgirá da bagagem histórica que o indivíduo contemporâneo possui. Os sertanejos desde sempre saem das missas e vão para os cultos dos candomblés africanos ou os poracês do tupi. Creemos que todo esse processo é fruto da inibição da fé do povo oriundo da terra e dos africanos trazidos para o nosso país forçosamente. A fé é o único bem que eles

possuem aquela que mantém viva a sua força, a sua coragem para vencer uma terratão árida.

Euclides, em *Os Sertões*, faz um estudo profundo do que levou o povo dos sertões a promover a Guerra de Canudos, e assim como a crença cega no messias de Pedra Bonita, Antônio Conselheiro, conseguiu o apoio de todo o povo por um único motivo: eles estavam cansados de sobreviver, queriam somente uma vida digna e igual a de todos que eles sempre consideraram seus senhores. Nada mais justo. O sertanejo crê, segundo Cunha, que “A terra é o exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre” (p. 158). Para o ser humano esse pensamento é a última esperança, o homem sempre vive em busca da explicação de sua existência, e considerar a morte como seu eldorado não explica muita coisa, só entende quem passa a vida sofrendo ininterruptamente.

És como Euclides aborda o massacre de *Pedra Bonita*.

No termo de Pajeú, em Pernambuco, os últimos rebentos das formações graníticas da costa se alteiam e formam caprichosas, na Serra Talhada, dominando, majestosos, toda a região e entorno e convergindo em largo anfiteatro acessível apenas por estreita garganta, entre muralhas a pique. No âmbito daquele, como púlpito gigantesco, ergue-se um bloco solitário - a Pedra Bonita. Este lugar foi, em 1837, teatro de cenas que recordam as sinistras solenidades religiosas dos Achantis. Um maluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios vizinhos e, engrupando-se à pedra, anunciava, convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D Sebastião. Quebrada a pedra, a que subira, não a pancadas de marreta, mas pela ação miraculosa do sangue das crianças, esparzido sobre ela em holocausto, o grande rei irromperia envolto de sua guarda fulgurante, castigando, inexorável, a humanidade ingrata, mas cumulando de riquezas os que houvesse contribuído para o desencanto. Passou pelo sertão um frêmito de nevrose... O transviado encontrara meio propício ao contágio da sua insânia. Entorno da ara monstruosa comprimiram-se as mães erguendo os filhos pequeninos e lutavam procurando-lhes a priúzia no sacrifício... O sangue espadanava sobre a rocha jorrando, acumulando-se e entorno; e afirmamos jornais do tempo, e cópias tal que, depois de desfeita aquela lúgubre farsa, era impossível a permanência no lugar infeccionado. (EUCLIDES, p. 158-159)

Euclides da Cunha, assim como Araripe, tratou do massacre da forma mais parecida possível com o acontecimento real, ressaltando mais uma vez o quanto a literatura é mimese, uma cópia, muitas vezes fiel, da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, a Literatura Comparada vem ampliando o âmbito de sua pesquisa, fazendo com que o lugar do texto literário na sociedade possa ser revista. Sem o viés tradicional, passa-se a estudar a relação entre literatura e vida cultural, outras artes e seu público.

O Massacre de Pedra Bonita transpassou o limite do tempo e povoou o imaginário de muitos escritores. Cremos que não só os romancistas aqui tratados escreveram sobre ele, mas muitos que ainda desconhecemos. O fato aconteceu, a memória permaneceu e ilustrou vários enredos, demonstrando sempre o mesmo ponto, o descaso como sertão nordestino do nosso país. Toda região possui suas peculiaridades, assim também é o nordeste do Brasil que, com suas lendas contribuiu muito para a singularidade de um país com tantas diversidades, possuindo um povo miscigenado, unido pelo entrelaçamento sanguíneo.

A literatura nos proporciona viajar por esses diversos ambientes culturais, nos mostra experiências de vidas diferentes, nos permite compartilhar dor e sofrimento. O inconformismo proposital nos instiga a lutar por uma realidade também nossa, nos faz lembrar o passado e repensar o nosso presente. Sem essas reflexões que nos sabe o futuro simplesmente não existiria.

O massacre da Pedra Bonita é um dos inúmeros exemplos de fatos que saem do real e é romaneado, faz parte de nossa história real e ficcional.

A notícia do desastre de Pedra Bonita com todas as minudências relativas ao mistério do desencantamento voou de boca em boca por todo o sertão. Alguns curiosos, levados pelo irresistível desejo de ver o cenário onde se tinham passado tão inexplicáveis sucessos, ousaram visitar o extinto arraial. Mas, apenas descortinaramos dois monolithos e lançaram suas vistas

pel a tétrica covoad a, os cabellos se lhe arrip aram e o pavor, causado pelas sombras phantasticas que se projectavam sobre a explanada, e pelos esqueletos que alvejavam espalhados pelo solo, reconstruio todo o assonbroso quadro imaginado e vista das narrações das victimas escapadas, e obrigou-os a voltarem arrependidos da viagem (ARARIPE, p. 154)

Assim conclui-se que a literatura nos proporciona um olhar mais apurado sobre a realidade, sendo uma riquíssima fonte cultural e um instrumento de reflexão social, onde cada personalidade tem seu grau de importância na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1979;
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CARVALHAL, Tania Franco e COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: a campanha de Canudos. 1866-1909 – 3ª Ed.** – Rio de Janeiro: F. Alves; Brasil: 1955.
- GASPAR, Lúcia. *Sebastianismo no Nordeste brasileiro*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em **dia mês ano**. Ex: 6 ago. 2009.
- JUNIOR, T. A. Araripe. **O rei no encantado**. Biblioteca da Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro – 1878.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos. **Pedra do Reino**. Disponível em <<http://educaçao.uol.com.br/atualidades>>
- PAULINO, Graça. CURY, Ivete Walty. ZILDA, Maria. **Intertextualidade: teoria e prática**. Belo Horizonte: Lê, 1995;
- RÊGO, José Lins do. **Pedra Bonita**. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro. 7ª edição – abril de 1968.
- TERRA, Ernani. NICOLA, José de. **Português: de olho no mundo do trabalho**. Vol. Único. São Paulo: Scipione, 2001.